

CONTOS

PROFESSORES COS II

(IN)DOCÊNCIA SUBVERSIVA E SUAS DIMENSÕES
DE ATUAÇÃO



Jaime Pelloutier
Terehell, 2015

Jaime Pelloutier

CONTOS PROFESSORES COS II
(In)docência subversiva e suas dimensões de atuação



GEAPI – Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
anarquistas-pi.blogspot.com.br

<https://www.facebook.com/anarquismo.pi>



blogmarginalcomics.blogspot.com.br/

<https://www.facebook.com/marginalcomics>

Jaime Pelloutier

CONTOS PROFESSORESCOS II

(In)docência subversiva e suas dimensões de atuação

Eu não sei exatamente o que fiz.

Fui condenado a ficar confinado num local durante 10 anos da minha infância. Talvez os mais importantes no meu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Eles me disseram que era para o meu bem, que aquele local era um templo do saber, que iria enriquecer a minha vida e que o confinamento era necessário para que futuramente eu conseguisse um emprego.

Não sei porque, mas só senti sinceridade no último item.

Eu poderia aprender química fazendo um bolo com a minha mãe, observando como a mistura dos ingredientes, mais o contato com o fogo, a água, transformavam aqueles elementos iniciais em novos elementos.

Eu poderia aprender física fazendo malabares, observando a rotação da clave, observando que a força com que eu jogo em relação ao peso da clave no ar, determinará o giro, movimento com tempo suficiente pra pega-la de novo no lugar correto.

História podia ser ensinada em volta de fogueiras, em tom de mistério, algumas vezes com um ar de comédia, mas na maioria dos casos com uma exclamação de Alerta! Não deixe-a se repetir, e saiba que a veracidade dos fatos depende "da intenção de quem vai contar".

Eu poderia aprender as Ciências da Natureza na... NATUREZA!

Mas acharam mais sensato me prender num cubículo, longe da luz do sol, segurando um livro que um dia foi uma árvore e que foi cortada para poder me ensinar como é a natureza.

Durante o período de confinamento me perguntei inúmeras vezes qual era realmente a intenção de todos aqueles elementos reunidos. Será que o objetivo era gerar um ser humano mais completo, sensível ao seu entorno, cooperativo, criativo e capacitado a decidir o que bem entender de sua vida?

Ou é somente um local que age em cima de uma demanda externa, e que precisa formar mão de obra barata, descartável e conformada. Acostumada desde cedo a receber ordens, a cumprir com tarefas em períodos de tempo, pedir permissão etc.

Afogaram o meu SER espontâneo. Tudo já está descrito no programa do cárcere e NINGUÉM pediu minha opinião.

Aos 7 anos de idade, fui condenado a passar 10 anos numa prisão, que irá me ensinar a viver... Me isolando da vida.

Ibu Junior Martins Pirajdu

Marginal Comics

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	04
APRESENTANDO.....	06
COMEÇANDO.....	08
DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA ATUAÇÃO INDOCENTE.....	11
DIMENSÃO CLASSISTA.....	24
DIMENSÃO MILITANTE.....	35
SENDO ASSIM.....	39
ALGUMAS REFERÊNCIAS.....	40

Prefácio

Para sonhar as ações e realizar os sonhos, é preciso espantar-se.

Contos Professorescos II apresenta-se ao leitor esclarecendo o sentido da utopia anarquista: sonhar as ações para realizar os sonhos, o que requer a ruptura radical com a existência alienada. Nós professoras, muitas vezes, sonhamos os sonhos e realizamos as ações pressionadas pelas urgências do cotidiano, pela sobrecarga de trabalho e nos descomprometemos com a transformação da realidade. Esquecemos de sonhar as ações e sequer ousamos tentar realizar nossos sonhos. Neste sentido, recusar a docilização dos nossos corpos e dos corpos das nossas alunas, adotando uma postura inocente subversiva, requer espanto. É preciso espantar-se com as naturalizações do cotidiano, com os lugares de gênero, étnicos, classistas, de orientação sexual que nos rotulam e nos reduzem a uma gama limitada de possibilidades de ser e estar no mundo.

A proposta do nosso Indocente Subverso é contrapor à docilização nossa atuação nas dimensões Pedagógica, Classista e Militante, ou seja, espantar-se enquanto alguém que ensina/aprende, alguém que pertence a uma classe social e alguém que se organiza para lutar.

Espantar-se na dimensão pedagógica é admirar-se da nossa capacidade de repetir à exaustão rotinas esvaziadas, despolitizadas e alienantes todos os dias, dia após dia, 200 dias letivos por ano, “visando subverter e romper com a normatividade (normose?) e inércia do alunado” (e a nossa própria, por que não?). Romper com a rotina das aulas através do espanto implica, também, recusar o poder baseado na força e na autoridade; libertar-se das amarras do prestígio; aprender a dançar entre as restrições estruturais, as avaliações obrigatórias, as diretrizes, as normas, as regras, os falsos consensos; enfrentar nossos próprios pré-conceitos e combater as opressões silenciosas tão irresistíveis aos nossos lugares altivos. É preciso ousar fazer diferente e aventurar-se a não saber, a errar, a se enganar. Acima de tudo, é preciso aceitar de bom grado e com orgulho a designação de “doida” que provavelmente será dada pelas discentes quando também estranharem a quebra do habitual.

Espantar-se enquanto classe é descobrir-se uma igual a todas as outras professoras e a todas as outras trabalhadoras para participar, enquanto categoria docente, na “luta de classes e na construção de uma sociedade mais justa”. Para lutar por “melhores salários, jornadas menores, melhorias nas condições de infraestrutura e gestão democrática” é preciso indignar-se com o lugar social do trabalho e da docência na sociedade capitalista. É preciso descobrir-se, portanto, produzida por relações sociais de produção que nos unem a outras categorias subalternas e refletir sobre as consequências sociopolíticas do lugar de explorada. E espantar-se novamente, desta vez com as possibilidades transformadoras deste lugar e admirar nossa capacidade de nos solidarizarmos umas com as outras, enfrentando as demarcações de orientação sexual, gênero, étnicas e das frações de classe.

Eis nos então dispostas a abraçarmos a dimensão militante de nosso ofício de inocentes subversivas. Precisamos então nos espantar-nos com a “necessária organização para lutar contra o sistema” e com a dimensão coletiva desta luta. Precisamos contrapor os discursos individualizantes que nos conformam como vencedoras ou perdedoras solitárias em favor da compreensão de que “a atuação individual é importante, necessária até, mas é de alcance e resultados reduzidos. ‘Nunca se vence uma guerra lutando sozinho’ alguém cantou um dia”.

Espantar-nos, ao mesmo tempo com a simplicidade e com a amplitude do programa de subversões radicais que nosso inocente anarquista nos propõe, é abrir-se a descobrir a não-inevitabilidade do nosso sofrimento, do nosso isolamento e da nossa solidão; é ousar construir a felicidade, a solidariedade e a organização coletiva lá onde nos disseram que deveríamos formar, como máquinas, máquinas de produzir.

Rebeca Hennemann

GEAPI, fazedora de pão, dona de casa, professora, tia-apaixonada

Apresentando

Nosso professor anarquista aprofunda-se nos estudos sobre Pedagogias Libertárias, nas vivências, na militância e, para além disso, volta a sonhar com utopias¹ possíveis. Nada de utopias metafísicas que o fizessem se perder em devaneios; não, nosso professor sonha com a realidade e com as infinitas possibilidades que ela apresenta as mentes cujas portas estejam abertas. Sonhar as ações para realizar os sonhos.

Anarquia é ordem, “*é a mais alta expressão da ordem*”, uma ordem natural não imposta contra a vontade, mas construída e consentida de forma livre e racional; ele estava a essa altura totalmente convencido e melhor embasado para defender esse convencimento. Muito embora em seu mundo tal palavra ainda fosse associada à bagunça, desordem, violência, loucura ou outros atributos errôneos e pejorativos. Não importava. Organizar a militância, as ideias, a vida em todos seus aspectos, a fim de torná-la digna de vir a ser propaganda pelo fato, isso sim era importante.

Firmados estes princípios, surgem então questões práticas, que provavelmente necessitem de táticas flexíveis² para serem resolvidas. É possível desenvolver uma pedagogia libertária dentro da escola oficial? Que táticas e estratégias utilizar para romper (ou driblar) os entraves institucionais e burocráticos do autoritarismo escolar? Qual o papel do sindicato e da luta classista no âmbito educacional? Como associar a militância anarquista com a função de professor?

Buscando trazer a tona essa problemática, histórica, porém mais do que nunca atual, confrontando assim seu empirismo libertário com as práticas pedagógicas e institucionais já cristalizadas, ele abandona de forma definitiva, e quase radical, a docência no sentido de “*docilização*” dos corpos e assume

¹ Para ilustrar a visão de utopia de nosso professor, deixem-me citar aqui algumas palavras de Michel Antony: “As utopias são amiúde caricaturizadas, e o sentido pejorativo de pensamentos irrealizáveis e fantasiosos é-lhes com frequência atribuído. (...) Ora, a utopia, no sentido geral da legítima aspiração humana à mudança de vida, de costumes, de instituições... permanece uma absoluta necessidade em um mundo demasiado frio e destrutivo para nossa humanidade, sob todos os seus aspectos (político, social, cultural, ético, sexual...)” (ANTONY p.13,14.)

² Aqui descaradamente me utilizo do pensamento de Wayne Price sobre algumas falhas do movimento anarquista: “nosso foco deve ser firmeza nos princípios, flexibilidade nas táticas”. (PRICE p.06)

uma postura de **Indocente Subversivo**, dividindo sua atuação em três dimensões: **Pedagógica, Classista e Militante**. As três não apresentam hierarquias entre si, muitas vezes se confundindo, mesclando, complementando e mesmo retroalimentando no processo de auto formação do professor, que se coloca em algo como uma pesquisa-ação, onde não se exime da influência que o estudo provocará sobre o pesquisador, mas pelo contrário, espera esse retorno dialético (dialógico, talvez) para o máximo desenvolvimento de todas as partes envolvidas.

Este novo conto pretende apresentar as características destas três dimensões da atuação através da exposição e análise de algumas “palavras” escritas por nosso professor. Além disso, tratarei de transcrever conversas e observações que pude realizar na companhia do mesmo, não só na escola, mas em espaços e situações diversos. Irei me remeter de forma bem tímida a algumas referências bibliográficas, por não se tratar de um texto de cunho científico (técnico) no sentido mais restrito da palavra (adequação a normas) e sim propagandístico (no sentido de ideias, ideais, sonhos...) ou provocador. O próprio título "contos" tem muito mais ligação com o ato de contar histórias, característica marcante de nosso professor, do que com o gênero literário propriamente dito.

Para finalizar esta “breve” apresentação, gostaria de salientar que independente do esforço individual por mim desprendido para realização deste trabalho, ele se apresenta como uma construção coletiva *a priori* do Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí - GEAPI sendo, portanto, uma produção mutualista, que pode e certamente deve ser aumentada, questionada, criticada, aprimorada enfim, gerida pela coletividade³ humana, uma vez que entendo claramente que ela só foi possível, graças aos esforços da grande família humana desde tempos imemoriáveis⁴. Impossível para mim, conceber nos dias

³ O velho Bakunin nos fala um pouco sobre o papel da coletividade humana: “Uma vez que a lei de solidariedade é uma lei natural, nenhum indivíduo ainda que forte pode esquivar-se. Ninguém pode viver humanamente fora do consórcio humano: bom ou mau, golpeado pela estupidez ou dotado da maior genialidade, tudo aquilo que possui, tudo aquilo que pode, tudo aquilo que é, ele deve à coletividade e somente a ela”. (CODELLO p.111)

⁴ E o desdentado Bakunin diz ainda: “É o tesouro acumulado, o produto do trabalho coletivo material, intelectual e moral de todas as gerações passadas, novamente elaborado e lentamente transformado, de maneira mais ou menos invisível e latente, pelos novos instintos, pelas aspirações, pelas novas necessidades reais e múltiplas das gerações presentes, que forma sempre o conteúdo das revelações ou descobertas desses homens geniais, que não

de hoje, algo que possa realmente ser determinado como produção ou posse individual, não existe a meu ver, diante do grau de complexidade que se tornou a sociedade mundial e o conhecimento humano (sistematizado ou não), um único mérito que possa ser reivindicado como vitória individual. Todo ser humano hoje se apoia nos suportes técnicos e sociais erguidos por gerações inúmeras, e mantidos na atualidade por outras tantas. Da mesma forma, nenhum fracasso pode e nem deve ser assumido como culpa individual⁵, nós que formamos a humanidade e conseqüentemente as sociedades, temos todas nossas parcelas de culpa nos erros, fracassos e crimes de toda a raça humana. Como dizia a canção revolucionária de Gori, “nossa pátria é o mundo inteiro, nossa lei é a liberdade”, acrescentaria que nossa família é toda a humanidade, e, portanto, nossas obras pertencem a todas.

Começando...

Nosso professor iniciou o ano letivo de uma forma “quase” metódica. Preparou antecipadamente os primeiros encontros com suas turmas de sexto e sétimo anos do ensino fundamental, tinha objetivos a alcançar e uma metodologia definida⁶. Pesquisadorzinho todo! Na primeira aula ele não se apresentou, esperou que as crianças se manifestassem, e elas o fizeram chamando-o de professor. “*Como é que vocês sabem que eu sou professor?*” Ora, francamente, como é que elas sabiam? Pergunta besta. Um adulto, sem farda, que se posiciona na frente da sala, só pode ser um professor. É uma imagem já cristalizada na mente daquelas criaturinhas, uma resposta imediata

acrescentam outra coisa a não ser o trabalho formal da própria mente, mais capaz que um outro de compreender e ligar os detalhes em maior conjunto ou em uma nova síntese.” (CODELLO p.131)

⁵ E por fim, encontramos suporte novamente no gigante Bakunine: “Porque a criminalidade do criminoso mais impiedoso ou a incapacidade do homem de mente mais pobre de desenvolver a consciência de sua humanidade e de seus deveres humanos – a menos que existam lesões orgânicas que causem idiotia e insanidade –, não são erros atribuídos a eles nem são devidos à sua natureza, mas são apenas o produto do ambiente social no qual nasceram e cresceram.” (CODELLO p.115)

⁶ (...) “não há pedagogia sem projeto”! Ousemos, portanto, nossa pedagogia, a fim de reafirmar e esclarecer nosso projeto societário, aquele de uma sociedade sem Estado, aquela da associação do Trabalho e da Aprendizagem. Se quisermos nos reapropriar do trabalho, devemos antes nos reapropriar da Educação e tentar a associação dos dois termos, com paixão. (LENOIR p.93)

ao local e as circunstâncias a que estão expostas desde alguns anos. Algo que elas já internalizaram e reconhecem de forma automática, sem um mínimo de reflexão, uma resposta já pronta e alegremente apresentada por elas. A escola exige que se saibam as respostas, por isso faz poucas perguntas⁷. Mas ele não era a escola, e já tinha notado este aspecto dominador do ambiente escolar⁸. Segue-se então uma saraivada de perguntas, nada de respostas, sempre mais questionamentos. As classes se excitam, a participação vai aumentando. Joguinhos pedagógicos, como ir colocando na lousa as palavras-respostas que elas iam soltando num verdadeiro *brainstorming*, e ir seguindo o rumo da conversa a partir de cada participação. Exige bem menos domínio técnico e bem mais disposição, pois o raciocínio precisa se movimentar rapidamente para acompanhar mais de trinta mentes velozes que passam a tentar interagir de qualquer forma. Pronto, ele tinha se apresentado, o cabelo a barba e as sandálias de couro completavam o conceito primeiro, sentido e expresso por algumas boquinhas mais desinibidas: "o professor é doido!".

Segundo passo, lá vamos nós. Ele prepara e aplica uma avaliação diagnóstica, feita com base nos documentos oficiais que regem a educação na qual esta inserido. Utiliza os conteúdos e habilidades que supostamente deveriam estar presentes nas crianças ao final do quinto ano, ou seja, que seus alunos e alunas do sexto e sétimo ano já deveriam dominar. Os resultados são desastrosos, uma média de três acertos em 10, numa prova de múltipla escolha. Esses números são expostos num relatório que é enviado para a Secretaria e para a Direção da escola, o que lhe rende uma reunião com essas partes. No relatório além de apresentar os resultados, especula sobre os

⁷ “Verifica-se, portanto, que aquilo que é mais importante na vida dos sujeitos, que é a arte de fazer perguntas, não se ensina no processo escolarizador, certamente porque, se os sujeitos passassem a fazer perguntas, passariam a questionar a ordem social, pois saber fazer perguntas é um modo de comportamento questionador.” (KASSICK p.44)

⁸ Vez em sempre acusam anarquistas de serem anacrônicos, de sermos fissurados no século XIX, nos clássicos, e não nos atualizarmos. Discordo completamente. Se ainda hoje citamos os clássicos é porque muitas das situações existentes naquela época, opressão, exploração, miséria, continuam presentes nos dias atuais, da mesma forma que, as bases para a manutenção dessas condições, meio que continuam sendo as mesmas por nós denunciadas ao longo desses séculos. Mais ainda para mostrar que certas “novidades” não são tão novas assim. Vejamos uma análise do pensamento de William Godwin sobre o papel da escola, isso no séc. XVIII, antes mesmo do anarquismo, e questionemos sua atualidade: “Godwin denuncia a escola do seu tempo como um meio de condicionamento nas mãos do Estado moderno: o condicionamento escolar é vergonhoso em relação à autonomia necessária da criança, e é total manipulação unicamente a serviço do autoritarismo estatista, mas não apenas este.” (ANTONY p.34)

possíveis motivos, de forma bem comedida é verdade, mas sem deixar de atacar a falta de uma infraestrutura física adequada, a superlotação das salas, além é claro do caráter nocivo que a falta de liberdade e autonomia exercem sobre o alunado, destacando o clima de estresse e tensão a que são submetidos sempre que realizam uma avaliação⁹, bem como o desinteresse quando não se trata de algo que vá lhe render alguma nota.

O trabalho e a iniciativa são elogiados, mas rapidamente são feitas as ressalvas justamente na questão da liberdade e autonomia. O professor em seu texto propunha que as crianças escolhessem, através da análise do livro didático e de uma assembleia orientada, os capítulos com os quais gostariam de iniciar os estudos. Essa proposição é severamente atacada, com argumentos do tipo: "O senhor enquanto professor é que sabe quais os assuntos que são mais *importantes*. O ideal seria que o senhor trabalhasse todo o conteúdo do livro didático, mas se isso não for possível, cabe ao senhor escolher *a prioridade* do que deve ser aprendido". Ele não esperava nada menos que isso. Ignorou as ressalvas e realizou essa atividade da escolha dos capítulos. Passou então a experimentar cada vez mais, pois agora tinha algo com que se defender caso fosse acusado de que seus métodos não estavam proporcionando o "aprendizado" dos conteúdos, o relatório mostrava sem sombra de dúvidas que as metodologias e práticas tradicionais, utilizadas com aquelas crianças até ali, tampouco conseguiram lograr êxito nessa tarefa de "ensinar". Que argumentos teriam então para questionar os seus, que eram inovadores, além do medo e da ignorância? O poder hierárquico e institucional, certamente.

Era preciso então agir, produzir cada vez mais argumentos e provas para se defender; propagar e semear cada vez mais a auto-organização e a autonomia, a fim de ter mais camaradas a seu lado nas batalhas que já se haviam iniciado. Sistematizar a atuação militante, adequando-a a profissional, organizar os atos e os pensamentos, e então esboçar a **Dimensão Pedagógica** da atuação indocente, que esta intrinsecamente ligada aos espaços de convivência com a alunada.

⁹ Avançando do séc. XVIII para a atualidade, o professor francês Hugues Lenoir fala sobre avaliar: "A avaliação somativa é ansiógena e contraprodutiva. Ela é nociva às capacidades criadoras dos indivíduos e dos grupos, à emergência das inteligências." (LENOIR p.120)

Dimensão Pedagógica da atuação indocente

Num trabalho apresentado em um evento sobre Pedagogia Libertária¹⁰, o professor sintetiza de forma bastante resumida em que consiste esta dimensão *"que diz respeito às práticas em sala de aula (na escola), visando subverter e romper com a normatividade (normose?) e inércia do alunado. Não se trata, somente, de encontrar novas formas para ministrar os conteúdos, mantendo-se assim ainda dentro dos objetivos do sistema (transmissão e reprodução de conhecimentos num determinado formato¹¹), mas sim de romper da maneira mais radical possível, com a rotina das aulas. Atitudes simples como sair da sala, promover debates e assembleias, fazem parte desta dimensão."*

Durante um simpósio sobre Educação Anarquista pude vê-lo argumentar da seguinte forma: *"A escola tem a pretensa e mentirosa prerrogativa de nos ensinar a 'vencer na vida'¹², ou seja, é preciso estudar, e aqui se entenda submeter-se as regras e normas escolares, para 'ser alguém na vida' ou o que é ainda pior quando dito por inocentes e jovens bocas 'para conseguir um emprego bom'. Nós mesmos, enquanto professores ou funcionários de escolas*

¹⁰ "A educação libertária, 'integral' ou 'total', sempre recusou a divisão, e desenvolveu constantemente pontes entre o trabalho manual, o trabalho intelectual, os lazeres... A escola sempre quis abrir-se para a vida, o sindicato, a natureza, o internacionalismo... Entre os mais lúcidos e os mais coerentes, os educadores ou teóricos libertários quiseram que a escola prefigurasse realmente a sociedade futura, nela introduzindo **a igualdade mais extrema** (entre todos os componentes: estudantes, funcionários eventuais, pais...), **a maior liberdade** e, portanto, **o respeito** pelos aprendizes, tentando por em prática **modos de funcionamentos exemplares e libertários** tendo por base a autogestão ou a democracia a mais direta possível, servindo-se do que a didática, a pedagogia e psicologia modernas poderiam colocar de melhor à sua disposição." (ANTONY p.20)

¹¹ (...) "o verdadeiro conteúdo da escola convencional, ou da instituição Escola, não repousa na transmissão dos conhecimentos socialmente produzidos, como discursivamente ela apregoa (coisa que é incapaz de fazer, haja vista a velocidade com que os conhecimentos são produzidos), mas sim que o 'conteúdo' com o qual trabalha é o da 'fôrma', isto é, o de (en)formar o indivíduo de acordo com as diferentes 'formas' que os diferentes momentos sociais a ela demandam em função das diferentes necessidades organizativas do processo produtivo." (KASSICK p.20)

¹² (...) "a história da educação mostra que a instituição escolar, tradicionalmente, tem servido de suporte e mecanismo de preservação da estrutura sociorganizacional da sociedade. E como tal, a ela está atrelada e sujeita aos seus mandos e desmandos, de forma a sofrer alterações, quer curriculares, quer estruturais, de acordo com as necessidades concretas de um determinado momento de sua evolução. Esse momento e essas necessidades são exigidas e determinadas pelo modo de produção predominante." (KASSICK p.16)

não estamos satisfeitos com nossos empregos e salários, quiçá com nossas próprias vidas. Mas continuamos inescrupulosamente exigindo que nossas crianças sigam nossos próprios passos rumo a um futuro infeliz. As escolas não procuram de forma alguma incitar a luta 'contra o sistema', pelo contrário. Dizem 'a educação é a única forma de ascensão social das classes menos favorecidas', quando deveriam dizer 'somente a revolução social promoverá a emancipação de todas as classes sociais oprimidas'. Vejam aqui a diferença básica, ascensão significa competição, escalada, colocar-se acima de algo ou alguém, ou seja, capitalismo; emancipar quer dizer libertar-se, autoformar-se, tornar-se pleno, sem estar acima e nem abaixo, mas lado a lado com a humanidade, ou seja, anarquia. Precisamos entretanto ter em mente e em ação que essa revolução social também não ocorrerá enquanto não houver uma mudança drástica no campo educacional. Instruir para revoltar como disse Pelloutier¹³, para emancipar como diz Lenoir¹⁴. Agir no agora para construir o futuro.¹⁵

Há uma notada diretividade nas práticas de nosso caro professor, mas ele não se esquivava da crítica, reconhecendo que não atua de forma neutra e que tem sim objetivos bem definidos: incitar a revolta (positiva) do alunado contra o sistema, ajuda-los a entender a lógica sórdida de dominação a que estão submetidos e contribuir para a construção da revolução social. Para esse fim, arbitrariamente substituí a ênfase nos conteúdos acadêmicos, pela

¹³ “Fernand Pelloutier (1867 - 1901), infatigável defensor do anarco-sindicalismo e da ‘cultura de si mesmo’ põe no mesmo plano a força do autodidata autônomo e a formação coletiva...” (ANTONY p.62). Silvio Gallo num texto introdutório ao trabalho de Chambat escreve: "Pelloutier denunciou, na virada do século dezanove para o vinte, a escola como instituição disciplinar (evidentemente sem utilizar esse termo), antecipando em pelo menos setenta anos as brilhantes análises que faria Foucault em meados da segunda metade do século vinte. Em suma, 'instruir para revoltar', eis a palavra de ordem de Pelloutier para a educação, colocando-a na contramão de todo o processo educativo da modernidade burguesa, que poderia ser enunciado na fórmula 'instruir para disciplinar', ou mesmo 'instruir para controlar'." (CHAMBAT p.10)

¹⁴ “Educação e sindicalismo revolucionário estão indefectivelmente ligados em um mesmo projeto - aquele de uma classe operária culta porque emancipada, emancipada porque culta. Trata-se, em todas as circunstâncias, de proporcionar ao operário o acesso à Ciência de sua infelicidade para que ele se apodere dela, inverta-a e faça dela o instrumento da transformação social e de sua felicidade. Essa afirmação permanente de educar para emancipar aparece como um fio rubro-negro norteador desde o início da atividade do sindicalismo de ação direta.” (LENOIR p.79)

¹⁵ “A utopia libertária é simultaneamente um verdadeiro projeto para um futuro realizável, e uma metodologia para o presente que contém em germe esse mundo futuro.” (ANTONY p.51)

discussão e denúncia constante da realidade a qual todas estão [e são] sujeitos. Podemos em certo ponto notar um quê de desprezo pelos conteúdos presentes nos livros didáticos ou por sua real importância na vida cotidiana, como observei quando de uma Roda de Diálogos na Biblioteca Libertária, onde ele relatava de maneira bastante informal uma de suas aulas.

"Cara, eu abandonei essa parada de livro tá ligado, quer dizer, quase totalmente saca? É que, pense aí, qual a importância, na boa mesmo, de saber o que diabo é uma criatura heterotrófica e uma autotrófica? Isso vai te servir pra quê man? Aí eu vou chegar lá e dizer 'bora galera, tem que aprender o que é um reino, um filo, uma bactéria, porque isso aqui vai ser importante pra vida de vocês!' Importante pra que camarada? Pergunte essas coisas na escola inteira, provavelmente só os professores de ciências vão saber as respostas, prova viva de que esses conteúdos, da forma como são 'ministrados' num servem pra absolutamente nada! Aí eu chego na sala e começo a fazer perguntas¹⁶, tá ligado, capciosas eu sei, nada inocentes, admito, mas enfim, eu pergunto assim, pra sala mesmo, num diálogo: 'Galera quem são as pessoas mais importantes aqui na escola, tipo, ela funciona, existe e tal, pra quem, por quem?' Rapidamente surgem as respostas de que são elas, alunos e alunas, as peças mais importantes, que a escola funciona pra elas, mas no geral surgem divergências, pois alguns tendem a citar o professorado como de suma importância, já que elas estão ali pra aprender e os professores pra ensinar. Só que, observe, elas desenvolvem uma lógica da importância dos docentes mas logo entram num processo dialético, ressaltando que por outro lado os professores só podem fazer sua função se eles alunos estiverem lá. Saca, há uma tendência inconsciente de harmonização, de interdependência, embora a presença da hierarquia¹⁷ seja notável. Infelizmente alguns poucos ainda citam

¹⁶ Existe na Espanha uma escola anarquista de nome Paidéia, que foi estudada pelo professor Clóvis Kassick, eis uma observação sobre o ato de perguntar nessa escola: "Saber perguntar é o objetivo da Paidéia. Entendem que perguntas indagativas, investigativas, aprofundam, desenvolvem o conhecimento, enquanto perguntas repetitivas o reproduzem." (KASSICK p.197)

¹⁷ Novamente citando o professor Clóvis: "O espaço de convivência que caracteriza a educação libertária possibilita romper com os princípios da escolarização que se fundamentam: Na autoridade, que está sempre no outro, no superior, na Instituição, nas regras etc; Na disciplina, que condiciona a ação do aluno à autoridade; Na competitividade e discriminação, que leva à exacerbação do egoísmo – instrumento necessário ao submetimento do sujeito à sociedade. Na frustração, como garantia do submetimento às imposições e modificações de conduta. Na falta de criatividade e criticismo, como elementos inibidores da busca de

a direção da escola 'se não tiver a diretora pra organizar, vira uma bagunça' elas dizem e eu rio comigo mesmo. A essa altura a turma já tá virando um escarcéu, todo mundo querendo falar, aí eu dou uma baixada na bola deles e continuo perguntando. Tudo bem, todo mundo é importante, na visão de vocês, mas e na prática, como as coisas funcionam, quem aqui na escola tem mais poder? Pergunta tosca né compas? Mas as respostas são mais uniformes, quase unânimes em citar a direção como detentora do poder¹⁸ maior dentro da escola, elas já assimilaram totalmente os conceitos de hierarquia. E eu sigo perguntando se a escola é boa, se elas gostam dali, se é confortável ou se poderia melhorar alguma coisa. A avalanche de respostas é avassaladora, todas tem uma queixa a fazer, e mesmo quem se atreve a dizer que gosta da escola não hesita em tecer críticas. No geral reclamam principalmente da estrutura¹⁹, falta de uma quadra coberta, salas quentes por não terem climatização, carteiras velhas, banheiros ruins e descambam para a merenda, para a 'ignorância' de professores e funcionários em geral para com eles, chegando por fim as aulas chatas. Cinco minutos pra tentar acalmar a turma de novo e recomeçar os questionamentos, vou pedindo pra se acalmarem pra gente continuar e esse eco vai meio que reverberando, um aqui outra acolá vão pedindo silêncio e a turma por si só vai se auto organizando de novo. Às vezes elas não conseguem essa auto regulação e sem intervenção torna-se

alternativa às normas e regras impostas pela estrutura social para garantir sua reprodução, sem resistências ou questionamentos. E toma por princípios a igualdade, a solidariedade, a liberdade, a responsabilidade e a tolerância.” (KASSIC p. 28,29)

¹⁸ Sobre o poder: “Quanto mais o poder adquire o *status* de legítimo, tanto mais perene se torna, fazendo com que todos o defendam, porque todos o pensam como legítimo. Um poder fundado na força pode ser substituído por outro de força maior; um poder fundado no amor poder ser trocado pelo aparecimento de outro objeto de amor. Mas só o poder que consegue firmar-se como legítimo permanece. Para se concretizar, ele necessita que os sujeitos o aceitem como poder. O que se iniciou pela força ou persuasão deve se consolidar pela aceitação e legitimação, e isso ocorre por meio da definição e operacionalização de regras e normas caracterizadas pelo sistema econômico, político e jurídico, que constituem, assim, os valores culturais institucionalizados no grupo. No final, o poder aparece com algo natural, legítimo e como se tivesse sempre existido.” (KASSIC p.206)

¹⁹ “Já uma limitação do espaço irá introjetar sentimentos de coação, insegurança, temor e por isto uma base estrutural de personalidade submetida a instabilidades emocionais. A Paidéia, ao organizar suas atividades com base na liberdade de deslocamento, relação e de decisão das crianças, estabelece/constrói as bases que permitem transformar o espaço escolar em espaço de convivência, a ordem escolar na ordem anárquica, o processo escolarizador em processo caótico, caracterizando a educação libertária em oposição à educação escolar disciplinar.” (KASSIC p.33)

impossível continuar, mas tem casos em que da certo. Quem deveria então resolver esses problemas para que a escola melhorasse? E novamente a direção é citada, mas aqui também não há unanimidade, pois alguns citam a Secretaria ou o Secretário e outros o prefeito, o governador, a presidente... (risos) Aí eu vou e desenho uma pirâmide no quadro e pergunto se eles sabem quantos alunos tem na escola, em seguida questiono se são a maioria e claramente reconhecem que sim. Coloco ali um valor aproximado de alunos, 400, um número que elas começam a associar a algo real²⁰, pois diuturnamente estão num ambiente com essa quantidade de pessoas, nas formações e no recreio no pátio. Coisas reais man, tu vai falar que o Brasil tem 200 milhões de habitantes ou que o corpo humano tem 3 trilhões de células, que diabo de números são esses? É surreal demais. Aí eu parto pra funcionários e professores até chegar na direção, no topo e com o menor número de membros. Tá desenhado ali, mas tá na realidade também, eles conseguem visualizar na prática as diferenças de contingente. Aí o camarada professor de História chega lá com uns slides lindos, mostrando uma pirâmide do feudalismo representada como uma verdadeira obra de arte, e sem nenhuma conexão aparente e palpável com a realidade, sendo que o cara tem um modelo de estratificação social bem ali diante das fuças. E eu sigo o enterro, indagando porque eles acham que a diretora é quem tem que resolver os problemas da escola e a polêmica recomeça. 'É a obrigação dela' diz um aqui, 'ela ganha pra isso' diz outra ali, enquanto uns se aprofundam na análise: 'professor, ela tem que resolver porque ela é a responsável pela escola, é ela que tem os meios de resolver, veja bem, se nós quiséssemos fazer alguma coisa, como a gente ia fazer? Somos crianças ainda? Quem tem o poder pra resolver essas coisas é quem esta na direção!' Outros apontam para o professorado por acreditar que também detemos certa parcela de poder. Parto então pra algo mais incisivo. 'Bom galera, eu até posso concordar com vocês, mas antes me digam uma coisa, a diretora e os professores passam as tardes em salas quentes como esta, bebem da mesma água quente que vocês ou usam os mesmos banheiros?' Logicamente os 'nãos' se fazem ouvir ao longe, dou então minha cartada final, 'se eles não sofrem nada disso, o que os

²⁰ Nos diz Laisant: "O concreto, a observação, a descoberta do meio, a iniciação científica... encontram-se em todas as grandes experimentações libertárias educativas." (ANTONY p.75)

levariam a querer resolver os problemas que não são deles?' E eu percebo alguns risinhos e olhinhos brilhantes que eu interpreto como um 'tô ligado, tô sacando onde o fessor quer chegar!' E me alegro, mas não perco o foco, especulo então junto com eles: 'pessoal, vejam bem, só aqui nessa sala foram inúmeras as reclamações, nós já vimos que a escola tem quase 400 alunos, não seria exigir demais que uma única pessoa resolvesse os problemas de tantas outras? Vejam a pirâmide, será que se todas nós estivéssemos engajadas em resolver nossos próprios problemas, as coisas não seriam mais fáceis?' E os rostinhos transmitem uma certa angústia, parecem se perguntar 'mas como?' e a pergunta realmente surge, pra minha alegria, como também surgem as respostas: 'protesto, vamos fazer um protesto, queimar a escola' (risos) as últimas e crescentes ondas de protestos que o país viveu e esta vivendo certamente estão cumprindo seus propósitos, pelo menos propagandísticos. A semente foi lançada ali, mas é preciso ter cuidado. Alguns ainda insistem em que eles nada podem fazer e que é a direção que deve resolver. Eu consulto o relógio, ainda tenho tempo e proponho outra análise, pergunto se os lugares onde moram são ótimos ou se assim como a escola poderiam melhorar. Novamente todo mundo aponta um monte de problema: falta de calçamento, de iluminação, água, segurança, lixo nas ruas, tanta coisa. 'Quem é a autoridade máxima da cidade, tipo, se a cidade fosse uma escola, quem seria diretor?' O prefeito, respondem, e eu desenvolvo a mesma lógica com uma nova pirâmide, prefeito, vereadores, secretários, e sempre por último o povo. Retomo a pergunta feita a eles, mas agora utilizando o povo, pessoas adultas e que, portanto não possuem as limitações deles, 'se o povo todo estivesse tratando de resolver ele mesmo seus próprios problemas, não seria mais fácil do que uma única pessoa ou um grupo pequeno, que assim como aqui na escola, não sofrem desses mesmos problemas junto com a maioria?' E as angústias então atingem seu estopim com os choramingos de 'mas como? Como que vamos poder resolver nossos próprios problemas' e pela primeira vez na aula eu dou uma resposta: 'Nos organizando!' Uma aula de ciências totalmente subversiva dentro do sistema estatal. Uma semente negra lançada. E o horário passa num instante.

Obviamente as coisas nem sempre acontecem da forma tão bonitinha como ele repassa, mas via de regra os resultados são positivos, diante das

inúmeras limitações, dentre elas, as imposições institucionais. A Dimensão Pedagógica exige um verdadeiro jogo de cintura, caso contrário, as tensões e perseguições podem tomar proporções insustentáveis para o indocente. Subverter, mas com certo resguardo, por exemplo, com relação ao uso do livro didático, adaptações podem ser feitas para servir a causa, vejamos um relato sobre este tema.

"Mesmo as coisas que nos obrigam a fazer podem ser subvertidas, sendo necessário pra isso, apenas boas doses de audácia²¹, disposição e coragem. Ousar é essencial, mas precisamos ter em mente que 'andamos pisando em ovos'. Não posso evidentemente me recusar a elaborar e aplicar as provas que a direção determina como sendo obrigatórias, e eu faço, mas quem lança as notas nas fichas sou eu também, e eu lanço todas iguais e sempre dentro da média. Procuo com isso liberar os alunos dos encargos e das tensões das avaliações, sendo que discuto antes e sempre a questão da nota coletiva. É um risco, pois o desinteresse que já é grande pode aumentar: como sabem que não precisarão se preocupar com as provas, não precisariam se preocupar com mais nada. Tem que dialogar, construir o hoje, mas sempre de olho no futuro.

Os livros são outro problema sério, se você passa muito tempo sem usá-los de maneira nenhuma os próprios alunos reclamam, principalmente aqueles descritos como os 'bons alunos', ou seja, os que se 'comportam' (seguem as regras de obediência) e tiram 'boas notas' (entenderam a lógica de memorização e reprodução das respostas dadas). Mães, pais e responsáveis certamente irão cobrar também²², vão querer saber por que as filhas e filhos não estão 'estudando' ato que a maioria associa ao uso do livro. Professor bom

²¹ Diz o sindicalista Pelloutier: "De resto, em matéria de ensino, toda audácia é legítima." (LENOIR p.35)

²² Infelizmente: "Poucos foram os professores, alunos e pais que conseguiram e conseguem vislumbrar nas alterações sofrida pela escola, os reais interesses que escondem. Em decorrência, na sua grande maioria, passam a brigar, a questionar e a acusar-se entre si pela ineficiência. Assim, atribuiu-se ora à escola e ao sistema escolar, como um todo, a culpa pela baixa qualidade e fracasso do ensino; ora ao despreparo do professor; ora a indolência e desinteresse do aluno; e até mesmo à pouca participação dos pais na escola, como se fossem estas as causas e não as consequências do problema educacional brasileiro. Era, e é, a cortina de fumaça perfeita para esconder o real problema educacional, o problema de fundo, as verdadeiras causas da ineficiência da escola pretendida e embutida nas alterações do sistema educacional." (KASSIC p.16)

é aquele que dá muito conteúdo, nessa lógica de escola produtiva. Eu escolhi um assunto então pro sexto ano, O Lixo, e comecei a trabalhar em sala de aula. Primeiro pedi que analisassem a foto de abertura do capítulo, algumas pessoas recolhendo lixo num lixão, e em seguida promovi um debate sobre os motivos de aquelas pessoas precisarem sobreviver do e no lixo, auxiliado pela leitura do texto introdutório do capítulo. Nesse debate abordamos questões como meritocracia, sociedade de consumo, desigualdades sociais e outras. Passo como atividade a leitura do capítulo. Na aula seguinte propus que fizessemos uma incursão na escola, pra avaliar a problemática do lixo no nosso ambiente. Atividade difícil de realizar às 13h num sol de mais de 40 graus. Muitos alunos estão fora de sala, por motivos diversos e espontaneamente se juntam ao grupo do sexto ano, de onde alguns outros já se escapuliram correndo desenfreadamente ou trepando nas mangueiras. A turma agora tem alunos do sexto, sétimo e oitavo anos, rodando pela escola. A quantidade de lixo que vamos encontrando é enorme. Vamos conversando sobre uma coisa ou outra, principalmente sobre os motivos daquele lixo ali jogado e da má utilização do espaço. Um grupo se propõe a recolher uma parte daquele lixo, um monte esta disperso brincando de alguma forma. Perguntei como elas fariam pra recolher, ficaram perdidas, são por demais carentes de atividades como essa, não aprenderam a tomar decisões a ter iniciativa... Sugiro que talvez na secretaria tenha sacos de lixo. Penso que as crianças deveriam saber como funciona a escola... e lá se vão serelepes rumo a secretaria, logo retornando com alguns sacos 'só deram três' se queixa um deles, 'já é um começo' eu respondo, rindo de orelha a orelha e suando feito tampa de chaleira. Quando o bando passa ao lado de algumas salas, vemos algum espanto e admiração das crianças e jovens. É uma visão triste, aqueles rostos juvenis encarcerados atrás de grades²³, as feições dos professores e professoras também não é das melhores... Na aula seguinte discutimos sobre a atividade ao ar livre e tentamos avaliar, sem muito sucesso no que diz respeito

²³ Vejo na arte da capa as palavras de Lenoir aqui citadas: “Daí escolas carcerais (a grade é uma característica pedagógica da arquitetura escolar), separadas do mundo e encarceradas sobre si mesmas, tal um casulo protetor. Esse espaço interior, fisicamente concebido como uma sucessão de células (no sentido próprio e figurado) onde o mestre reina como déspota nem sempre esclarecido: a sala de aula. Em resumo, um mundo à parte no qual se tratava, por isolamento e, sobretudo, por princípio, de construir cidadãos ativos mas não em demasia, responsáveis mas delegatários, ator de papel secundário do devir comum.” (LENOIR p.87)

ao grupo como um todo, embora pontualmente seja bem gratificante receber os feedbacks. Transformar a experiência em algo apresentável é também coisa que ainda não conseguimos efetivamente. O nível de leitura e escrita da esmagadora maioria é extremamente baixo, o que dificulta a produção de algo como um relatório; os cartazes já são todos feitos seguindo uma certa forma, e acabam por se mostrarem desinteressantes e pouco atrativos; oralmente também não estão acostumados a se expressarem, pelo menos não de uma forma sistematizada, lógica ou coerente. Isso reflete é claro minha incompetência nesse aspecto, uma vez que me encontro por demais distanciado dos sistemas lógicos e coerentes que eles produzem, sendo que geralmente anseio por respostas mais 'científicas' ou 'racionais', que provavelmente não estão em harmonia com as capacidades e anseios atuais de minhas turmas. Ainda assim, o livro torna-se motivo pra sair da sala, romper com a normatividade e instigar.

Essa autocrítica em relação aos resultados aparece na conclusão do texto enviado ao tal evento de Pedagogia Libertária que citei anteriormente. *"Não tenho ainda resultados científicos para apresentar, mas quisera eu ter como relatar em palavras escritas ou faladas, a energia que emana das crianças e jovens quando expostas a liberdade, quando instigadas a pensar ou a transgredir, quando provocadas pela dura realidade que as cerca; a coragem com que reagem, desafiam e ousam, cada uma a seu modo e de acordo com sua capacidade; o sorriso de contentamento ao conseguir entender alguma coisa por si próprio; o brilho nos olhos ao expressar uma opinião sobre algo e essa opinião ser apreciada, discutida e não somente rotulada; pois estes seriam os resultados que gostaria de aqui apresentar."*

Estimular a auto formação dessas mentes jovens, é para o nosso professor indocente, contribuir para a formação de pessoas autônomas, racionais, críticas e principalmente ativas e solidárias, e conseqüentemente para a realização da Revolução Social²⁴ futura, pois esta precisará de pessoas com essas características para que seja efetiva e vitoriosa. Sujeitos que

²⁴ Para o urso de Berna Miguel Bakunine: "Um novo modelo de educação, deverá, portanto, tender a formar alguns homens livres, [aqui tenho plena certeza que ele se refere a seres humanos] capazes de interagir com o ambiente no qual vivem e não serem passivos receptores de uma cultura imposta por uma sociedade classista e fundamentada na desigualdade." (CODELLO p.132)

consigam pensar por si mesmos e que tenham as habilidades para desenvolver os conhecimentos que julgarem necessários; que aprendam a aprender²⁵ para se libertarem da ignorância e do jugo do mestre de qualquer natureza. Pessoas de mentes e espíritos²⁶ livres, portanto, felizes.

Esse tipo de resultado, esperado no campo do qualitativo, torna-se extremamente difícil de quantificar ou expor, mas vou me aventurar nessa empreitada de exposição transcrevendo dois depoimentos do professor que eu particularmente considero como ótimas respostas e certamente estimulantes incentivos à manutenção e constante aprimoramento das práticas por ele adotadas.

"Numa sala eu propus que a gente 'desorganizasse' o ambiente pra reorganizar de outra forma. Logo falaram em formar um círculo, que geralmente fazem apenas deslocando as cadeiras e mesas de encontro às paredes. Não fica um círculo já que a sala é quadrada, então sugeri que fizessem o círculo só com as cadeiras, sem as mesas. O processo então mudou, boa parte já estava com cadeira e mesa encostados na parede. Respondem quase que instintivamente, de maneira automática, porque geralmente quando um professor propõe que se forme um círculo na sala, ou ele mesmo organiza dizendo o que, como e onde cada um deve se posicionar; ou então deixa que ajam da forma mais 'fácil', ou seja, o U quadrado. A mística do círculo se perde. Passam então a se reorganizar, de repente mesas vão ficando no centro do círculo, alguém se incomoda e se põe a retirar-las, outros passam a ajudar; uns se encarregam de incitar os mais resistentes a virem formar o grupo, alguns conflitos, muita violência²⁷ nos gestos e nas palavras,

²⁵ "A instrução integral é entendida como condição necessária para fazer com que cada criança aprenda a aprender, oferecendo-lhe os meios para que possa aprender todo tipo de conhecimento. Este é um pensamento pedagógico que aponta para a metacognição. (...) é necessário libertar os professores daquele tipo de ânsia pelo ensino que faz exatamente com que esses se dediquem de modo prevalente aos mais dotados, em vista da obtenção de determinados padrões de sucesso escolar." (CODELLO p.273)

²⁶ "A visão utópica de sua pedagogia [de Bakunin] é evidente, pois essa proposição deve 'permitir para todos, igualmente, que se tornem homens completos', quer dizer, em seu espírito, livres (autônomos em relação aos absolutos e às instituições) e liberados (pela ação revolucionária). Educar é liberar o indivíduo e suas potencialidades revolucionárias, e respeitar, evidentemente, a liberdade do aprendiz, inclusive se se trata de um jovem aluno. (CODELLO p.49)

²⁷ Visitando a Paidéia: "Poderiam ser citados inúmeros exemplos, mas a observação da tranquilidade das crianças, feita numa aproximação inicial bastante curta, chamou-nos muito a

eu apenas observo. E finalmente o círculo de cadeiras esta formado. Passo a perguntar o que acharam da atividade, e se aquele novo formato era mais interessante. A participação me surpreende, embora a ordem muitas vezes sumisse e desse lugar a muitas vozes ao mesmo tempo. Intervinha como mediador, e me animava mais a cada instante. Depois de muitas observações feitas pela turma, que iam desde dizer que daquela forma era mais agradável porque se sentiam mais livres (talvez por não terem as mesas lhes prendendo as pernas?) até que daquele jeito dava pra ver o rosto de todo mundo ao mesmo tempo, enquanto que nas filas não dava pra ver quem estava atrás. Eu pergunto então por que carga d'águas as aulas não são todas daquela forma e uma resposta me maravilha: 'professor, é porque desse jeito aqui a gente fica mais perto uns dos outros, aí é melhor pra gente se juntar, ficar mais junto; se a gente vai ficando mais junto a gente vai ficando mais forte e eles num querem que a gente se junte e fique forte não, eles quer a gente separado, longe uns dos outros, porque aí a gente é fraco e eles pode fazer o que quiser com nós'. Faltavam 15 minutos pra terminar a aula, perguntei se queriam continuar o debate ou preferiam aumentar o recreio. E lá se foram correndo pro pátio e pra quadra, sem cobertura, em plena tarde, num sol escaldante, mas iam felizes e eu mais ainda."

"Cobram-me uma aula fora da sala e me acusaram de favoritismo, afirmando que eu já tinha ido com as outras turmas, mas nunca com eles. E assim na lata, na hora que eu entrei na sala. Quase que perdia o rebolado, mas me aprimei a tempo. Solicitei o direito de me explicar e confesso que foi um árduo exercício de convencimento da assembleia, que não estava nem um pouco interessada em explicações e sim em sair da cela, digo, sala. Mas enfim consegui conquistar cinco minutos para minha defesa e confesso que tive de usar um tantinho assim de pressão psicológica e dialéticas fajutas

atenção. Era uma tranquilidade que não parecia forçada; não havia gestos, movimentos ou palavras violentas, agressivas, enquanto as crianças passavam seu dia na Paidéia. Estamos acostumados a conviver com as escolas, com meios educativos infantis e adolescentes, e é notório que crianças, após o contato de algumas horas com o ambiente escolar, estão extremamente excitadas e, quando se vêem livres nesse ambiente – no recreio, antes do início ou na hora da saída das aulas -, fazem movimentos bruscos, violentos, gritam, correm. Também o clima de solidariedade entre as crianças e os adolescentes, mesmo numa primeira visita, eram marcantes. Os problemas eram resolvidos pelas próprias crianças, sem dependerem das pessoas adultas que estavam ali." (KASSICK p. 59,60)

autoritárias²⁸. *Expus que eu não tinha levado as outras turmas, mas que elas se organizaram a ponto de ser impossível não seguir junto porta afora. Exagerei é verdade, mas nada como um bom desafio não é mesmo? Responderam de pronto que se as outras conseguiram, também conseguiriam. Fizemos então os arranjos e preparativos básicos e lá fomos carregando nossas cadeiras para debaixo de uma mangueira. Ficaram um tanto atônitos como que esperando diretrizes sobre como se posicionarem naquele espaço, eu fiquei de fora, observando, não estava ali pra ensinar coisa nenhuma, queria aprender com elas, através da observação. Coloquei minha cadeira então próxima ao tronco do pé-de-manga e a turma vai se acomodando também, pelo menos parte dela. Uns já me pedem que comece a aula, outros já estão no alto da árvore, alguns correm ao longe e um certo equilíbrio²⁹ dinâmico vai se desenhando. Noto algo interessante, que imediatamente compartilho com o grupo. As crianças que sentavam nos primeiros lugares na sala, parcela majoritariamente formada pelos ditos 'bons alunos', estavam agora sentadas próximas a mim, formando quase um semicírculo; as que se posicionavam no meio da sala, tinham suas cadeiras um pouco mais distantes, conversavam paralelamente quase desinteressadas, mas atentas a meus olhares e gestos; a galera do fundão vocês já devem ter adivinhado que eram os das correrias e da árvore. Indaguei meio frustrado que elas, naquele momento expostas a um certo grau de liberdade, se comportavam como se continuassem dentro da sala, reproduzindo até a organização espacial. Um garoto de doze anos ergue a mão pedindo a palavra, é filho de um professor da escola e poderia ser classificado no grupo dos bem educados, começa sua explanação, com uma carinha matreira de quem está tramando algo, mas com uma eloquência e organização do pensamento admiráveis: 'Professor, imagine aí uma galinha, uma galinha não, um pintinho, na hora que ele saísse do ovo o senhor amarrasse um barbante na perna dele e a outra ponta num tronco de árvore*

²⁸ Lobrot diz que: "A autoridade se caracteriza por sua capacidade de desencadear de um modo quase mecânico a reação do outro, tirando-lhe a oportunidade de deliberar." (KASSICK p.208)

²⁹ [sobre as comunidades escolares de Hamburgo, num passado nem tão distante] "No início, segundo a própria declaração dos professores, o caos é indescritível. Mas pouco a pouco as comunidades encontram suas próprias maneiras de regulação e as crianças assumem livremente as disciplinas necessárias pela cooperação e discussão." (LIPIANSKY p.55)

por exemplo...' e ele faz uma pausa dramática, creio que me dando tempo pra imaginar ou pra confirmar que já tinha imaginado, resolvo entrar no jogo, faço uma cara séria e digo um simples 'Sim' pra romper o silêncio. Ele continua então, ainda sorrindo: 'Aí o senhor amarra ela e deixa crescer lá, toda vida amarrada. Aí depois que ela tiver grande, o senhor vai e corta o barbante, o que é que o senhor acha que vai acontecer?' Ah danado! Penso eu comigo mesmo, será que ele vai realmente completar essa parábola digna de um La Boétie? Agora eu vou com ele até onde ele for. 'Não faço ideia, não entendo muito de galinhas' os risos irrompem, estão todos atentos aquele diálogo e parece que o pequeno me encurralou, me perguntou algo que eu não sabia, ele agora ia me explicar a situação, ele tornara-se o professor, eu estava ali só aprendendo. 'Ora professor' e ele gesticula para reforçar seu momento 'é claro que ela vai continuar ciscando só em redor da árvore, porque ela num aprendeu que podia ir pra mais longe do que isso!' Ele deu uma lição, os outros viam um deles dando uma lição, eles que sempre estão ali apenas sendo ensinados... mas ainda tinha como ficar melhor, encarno o personagem do espanto e acompanho a gesticulação dele 'Sim, e o que é que isso tem a ver com a gente aqui?!' Parece que a turma toda já tinha se ligado na moral da história, só o professor bobão insistia em não conseguir entender algo tão simples. Ele altera a voz de forma dramática para o grand finale: 'Nós somos as galinhas professor!!!' Não me contenho e gargalho junto com a turma. Ele se recompõe e prossegue para o desfecho: 'Professor, desde que a gente entrou na escola que a gente só assiste aula dentro da sala, como é que o senhor pode querer que a gente se comporte de outro jeito aqui fora, nós somos como as galinhas, só aprendemos a ciscar desse jeito aqui, talvez se a gente viesse mais aqui pra fora a gente aprendesse mais e agisse de outras maneiras.' Uma lágrima de felicidade teimava em querer correr, mas era um sorriso largo que tomava meu rosto. Tinha ganhado ali meu dia de trabalho."

Sendo assim, num primeiro momento a dimensão pedagógica se preocupa com a denúncia do modelo opressor e autoritário feita de forma que rompa, na prática, com a normatividade inerte e ineficiente instaurada, visando com isso uma maior organização e conseqüentemente desenvolvimento do alunado. Mas não se encerra aí, é um meio e não um fim, não esta buscando uma melhora nas relações hierárquicas presentes, ou um aumento do

aprendizado nos moldes meritocráticos, competitivos e desumanos, mas o rompimento definitivo com estes, que só se dará com a revolução. Portanto, a dimensão pedagógica semeia o terreno para o surgimento de um Movimento Estudantil Combativo, que deverá construir sua autonomia através de suas batalhas, inicialmente pela conquista de melhorias imediatas, tanto no campo relacional (aumento da democracia direta) quanto no das infraestruturas. Para o futuro esse movimento estudantil organizado e combativo, comporia as lutas na comunidade local, e ombro a ombro estariam com a classe trabalhadora, em especial com a docente. Aqui aparece a ponte com a Dimensão Classista que descreverei agora.

Dimensão Classista

As ideias “pré-anarquistas”, ou seja, os desejos de liberdade e autonomia, individuais e coletivos, estiveram sempre presentes na história da humanidade. Inúmeros e constantes são os casos em que os povos se rebelaram contra as injustiças, opressões e tiranias de toda sorte. A palavra em si parece ter surgido na Grécia antiga significando, grosso modo, “sem governo”³⁰, não no sentido de desordem, caos ou algo do tipo, mas ausência de governo por este não ser necessário. A Anarquia atravessa os séculos até chegar a Revolução Francesa do final do século XVIII, onde é usada como meio de acusação³¹ e difamação contra aquelas figuras “mais radicais” daquele processo revolucionário.

Somente no século XIX, o das contradições³², é que um tipógrafo francês assume pública e espontaneamente a alcunha de “Anarquista”, ao

³⁰ “*Anarchos*, a palavra grega original, significa apenas ‘sem governante’ e, assim, a palavra anarquia pode ser usada tanto para expressar a condição negativa de ausência de governo quanto a condição positiva de não haver governo por ser ele desnecessário à preservação da ordem.” (WOODCOCK p.08)

³¹ (...) “tanto *anarquia* como *anarquista* foram termos usados livremente, em seu sentido político, durante a Revolução Francesa, com um sentido de crítica negativa e até de insulto por elementos de diversos partidos para difamar seus oponentes, geralmente de esquerda.” (WOODCOK p. 08)

³² (...) “o século XIX é aquele das contradições, das divergências, da dialética e do contraste, o século no qual encontramos, confrontando-se, todas as teorias filosóficas modernas, sociais, políticas e antropológicas.” (CODELLO p.69)

publicar em 1840 o livro “O que é a propriedade?” no qual além de responder que a “propriedade é um roubo”, explica e defende a Anarquia, sendo, portanto pioneiro da filosofia (ou teoria) anarquista assim explicitamente denominada. O sujeito em questão é Pierre-Joseph Proudhon³³. Eis o florescer do movimento anarquista³⁴ organizado, nascido no seio do emergente movimento operário europeu.

Desde então, as ideias Anarquistas, desenvolvidas, revistas e aprimoradas, sempre estiveram presentes, com maior ou menor influência, nas lutas proletárias urbanas ou campesinas, de forma explícita ou não. Elas foram base para a fundação da primeira Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT ou I Internacional) e da heroica Comuna de Paris; se fizeram notar nas Bolsas de Trabalho francesas e no anarco-sindicalismo, brasileiro e mundial, do início do século XX; participaram da Revolução Russa e protagonizaram levantes massivos como a Makhnovitchina e a Revolução Espanhola. Atualmente podem ser encontradas nas ações do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no México, nos *squats* e ocupações norte americanas ou nas comunidades autogeridas da Grécia e mais recentemente na brava resistência Curda. A lista poderia seguir indefinidamente, mas não é esse meu objetivo no momento, sigamos então.

Embora existam diferentes formas de abordagem, entendimento e práxis ao longo dos tempos e contextos, a problemática da educação, ou melhor, da Instrução Integral, foi (e continua sendo) uma constante nas diversas vertentes anarquistas. Por um lado denunciaram a educação tradicional de suas épocas como um instrumento de reprodução e perpetuação do modelo societário pautado no autoritarismo, na opressão e na exploração; por outro, acreditaram que a formação integral, quer dizer, o desenvolvimento pleno de todas as

³³ Célebre diálogo de Proudhon: "Qual será a forma de governo no futuro?, pergunta ele. Ouço alguns de meus leitores responderem: Ora, como podes fazer tal pergunta? Sois republicano! Sim, mas essa palavra não diz nada. *Res publica*, isto é, coisa pública. Pois bem, então quem quer que se interesse por assuntos públicos - não importa sob qual forma de governo, pode intitular-se republicano. Até os reis são republicanos. Bem, então sois democrata - Não... - Então o quê? - Um anarquista!" (WOODCOK p.10)

³⁴ Pra evitar desnecessárias polêmicas Francesco Codello brilhantemente explica: “O extraordinário do anarquismo é também o fato de não ter, em sentido filosófico e cultural, um pai (como, por exemplo, o marxismo), mas de nutrir a evolução do próprio pensamento com múltiplas partes provenientes das histórias, das culturas e das diversas sensibilidades.” (CODELLO p.76)

faculdades físicas, intelectuais e morais das pessoas, deveria ser um meio coerente com a finalidade de emancipação humana³⁵.

A revolução social precisa acontecer para que uma verdadeira Instrução Integral possa ser efetivamente desenvolvida e praticada, uma vez que no atual sistema capitalista e estatal ela jamais será incentivada, disponibilizada e mesmo permitida³⁶; em todo caso, a revolução só será possível se houver um esforço para o máximo desenvolvimento do projeto de educação integral dentro das possibilidades dos espaços atuais. A velha questão da dialética *evolução versus revolução*, que vem sendo trabalhada de forma bastante sensata pela corrente anarco-sindicalista³⁷, a qual nosso professor esta associado.

Nesse sentido para ele é indispensável à participação da categoria docente na luta de classes e na construção de uma sociedade mais justa. A dimensão classista da Indocência Subversiva seria então a pedagógica aplicada aos adultos, em especial aos professores e professoras, e seguiria o mesmo escopo, denúncia das atuais condições de exploração e seus motivos; propaganda e promoção de novas formas de organização da categoria, rompendo agora com o modelo de sindicalismo burguês e representativo; engajamento nas lutas por melhorias locais e imediatas em cada local de trabalho (juntamente com o movimento estudantil e a comunidade), como preparação para a revolução na educação³⁸, essa por sua vez sendo entendida como um tijolo ou uma bala a mais para a social que se aproxima.

³⁵ “O fundamento verdadeiro e positivo da liberdade está exatamente no desenvolvimento integral e na plena satisfação de todas as faculdades físicas, intelectuais e morais de todo indivíduo. A educação é, portanto, um elemento indispensável para a emancipação humana, e o seu futuro em uma sociedade libertária é importante para impedir que novas formas de domínio e de desigualdades possam se formar.” (CODELLO p.135)

³⁶ “Todavia, se instrução é algo precioso e absolutamente necessário, isso não significa ter ilusões quanto à capacidade do Estado de dar ao povo uma instrução verdadeira, que o libere do jugo da superstição e da ignorância.” (CODELLO p.128)

³⁷ “A atividade dos anarco-sindicalistas concretiza-se tanto na organização dos trabalhadores da escola e na atenção específica à problemática deles quanto na atividade de verdadeira formação do proletariado, por meio de iniciativas atribuídas à estrutura sindical de base, mas também em uma iniciativa de desmascaramento da lógica monopolista do Estado no âmbito do ensino e da formação.” (CODELLO p.271)

³⁸ “Ressaltemos que o papel designado à formação e à educação pelos militantes do sindicalismo de ação direta é conforme ao duplo objetivo que se pretende alcançar, ou seja, a imediata melhoria das condições materiais e morais da classe operária e a emancipação total, ao final, desta. Nessa estratégia de transformação social radical, a educação é uma preocupação maior e uma das alavancas essenciais da Revolução do mesmo modo que a

Para análise do pensamento do professor sobre a reorganização da categoria num viés combativo, transcrevo uma carta enviada a alguns colegas, onde ele descreve e convida a formarem uma Oposição Classista Autônoma ao sindicato atual ao qual é filiado. Nesse texto é nítido o caráter de proposição e de exposição, não de modelo a ser seguido, mas ponto de partida para uma construção coletiva.

OPOSIÇÃO CLASSISTA AUTÔNOMA

Camaradas, inicio com um vocativo tão depreciado e desvirtuado nos últimos tempos, para demonstrar o paradoxo da tentativa de esboçar uma Oposição Classista Autônoma no ramo da educação, totalmente diferente, (talvez inédita), da atual política sindical³⁹ na qual nos vemos inseridos. A antítese encontra-se no fato de que, embora proponha inovações, estas são embasadas em conceitos, ideias e experiências já realizadas em outras épocas e contextos. A título de síntese (serial), este texto serve tão somente de ponto de partida, não é um programa, mas a exposição sincera de uma proposta, que haverá de ser ampliada e melhorada a partir da colaboração de todas e todos que vierem a adentrar nesta OCA!

Uma breve análise de conjuntura

*Acredito ser possível resumir as bandeiras de luta da categoria docente em apenas duas: **jornada** e **salário**, sendo que ambas se inter-relacionam sendo inversamente proporcionais. Por conta dos baixos salários, assumimos jornadas extenuantes. No campo da luta econômica, ou imediato, não há mais o que se dizer, a não ser pontuar que quem decide sobre estes assuntos é, num primeiro plano, a Secretaria de Educação.*

Logicamente para melhorar as condições de trabalho faz-se necessário mais que a luta econômica, não podemos esquecer a dimensão pedagógica e por que não dizer, emancipadora, de nosso ofício. As estruturas físicas de nossas escolas são insatisfatórias, haja vista o fato de hoje muitas vezes não

greve geral e o antimilitarismo. O sindicalismo revolucionário inscreve-se em uma ampla corrente educacionista, que faz da educação um motor do progresso coletivo.” (LENOIR p.28)

³⁹ Aqui uma frase do professor José Damiro que parece embasar nosso professor: “A luta por uma revolução social, educativa e pedagógica passa também por uma renovação do sindicalismo na educação e na sociedade.” (REVISTA p.109)

termos sequer água gelada para beber depois de uma aula, em pleno setembro escaldante; a violência e a "indisciplina" bem como o desinteresse de nosso alunado, crescem exponencialmente ao passo que o aprendizado e os "resultados" decrescem vertiginosamente; as relações entre docentes, estudantes, funcionários e gestão, variam de conflituosas a indiferentes, não existe nada nem próximo de uma gestão democrática. Todos esses fatores contribuem para um trabalho exaustivo, desinteressante, estressante e inclusive nocivo a todas nós. Precisamos lutar por uma gestão com democracia direta, onde não sejamos obrigadas a fazer os caprichos de uma secretaria ou direção⁴⁰, onde possamos tomar nas mãos nossos locais de trabalho para resolvermos em conjunto com a estudantada, funcionários e comunidade local, nossos problemas, dessa forma melhorando nossas escolas e, conseqüentemente, nossas práticas e resultados. Nós que estamos no chão da escola, lutando diuturnamente ao lado de nossos alunos e alunas para superar todas as adversidades, sabemos melhor do que qualquer secretário como e onde o sapato aperta.

Melhores salários, jornadas menores, melhorias nas condições de infraestrutura e gestão democrática, a meu ver, nisso se resumem as bandeiras de luta da categoria a nível geral.

No campo sindical, temos uma entidade totalmente aparelhada por partidos políticos, quer seja na atual direção ou na oposição. Toda a política sindical se resume a manipular a massa para os interesses próprios dos partidos, utilizando para a isso a 'luta de classes'. Não há um plano de lutas definido, com um objetivo concreto e conquistável ou uma pauta de caráter radical, que proponha realmente alguma mudança real. As greves se tornaram motivo de piada, e as reivindicações são sempre no campo econômico imediato, mas sempre se subordinando a secretaria e ao governo. Greves são decretadas tendo por "reivindicações" sempre reajustes salariais, a saída de

⁴⁰ Demos agora um pulinho na Espanha do início do século XX, nas palavras do pedagogo catalão Francisco Ferrer: (...) "a organização da escola, longe de responder ao ideal que costuma criar-se, faz da instrução em nossa época o mais poderoso meio de servidão nas mãos dos dirigentes. Seus professores são apenas instrumentos conscientes ou inconscientes de suas vontades (...) a organização escolar os oprime com tal força que não têm como remédio senão obedecer. Não farei aqui o processo dessa organização, suficientemente conhecida para que possa caracterizá-la por uma única palavra: violência. Educar equivale atualmente a domar, adestrar, domesticar." (REVISTA p.66)

*um secretário, ou contra alguma medida tomada por este secretário. Sempre no âmbito da defesa*⁴¹.

*Além disso, não vemos nenhuma medida efetiva da direção sindical no sentido de uma organização da base com viés combativo. As assembleias são verdadeiros circos, onde quase sempre se resumem a acusações, brigas, calúnias ou no máximo local de "deliberação" sendo que na maior parte dos casos a direção já decidiu pela categoria. Não são feitas formações políticas nem militantes, não há uma propaganda efetiva uma vez que não temos sequer uma publicação periódica; não existem estudos sobre a real situação da categoria e sobre as dificuldades de cada local de trabalho. Em suma, não existe uma organização de base. Isso se dá, segundo minhas interpretações, por conta das pessoas que hoje formam tanto a direção como a oposição serem ligadas a partidos políticos, o que faz com que a maioria dos esforços sejam destinados para a formação do partido e para arregimentar militantes e eleitores, não para organizar a base. A luta é para promover o partido*⁴² *e não para a emancipação da categoria. Ainda neste ponto faço questão de ressaltar que, a divisão partidária reflete negativamente na divisão da categoria, onde grupos deixam de colaborar em ações e algumas vezes chegam até mesmo a boicotar por conta das divergências e rixas político-partidárias.*

E aqui encerro este balanço, apontando então para a necessidade de se sair desse modelo de sindicalismo pelego, burocrático, hierarquizado e

⁴¹ "A educação é um dos elementos precursores e fundadores – desde há muito em gestação na reflexão operária -, que se reencontrará naturalmente no pensamento sindicalista revolucionário, pois ele será um dos motores da sociedade futura. Essa fórmula de Pelloutier mostra o papel maior do sindicalismo: ele é menos um instrumento de ação e defesa do que o germen e a prefiguração das modalidades sociais de organização do futuro." (LENOIR p.26)

⁴² Eis que então nos deparamos com a contemporaneidade do professor Alexandre Samis, estamos agora no século XXI: "Podemos afirmar que a separação que hoje experimenta o sindicato em relação aos movimentos sociais, para além do fato da burocratização, pode ser explicada pela associação desse com os partidos políticos, confirmada na adesão de muitos às campanhas eleitorais. É bom ainda que se diga que, uma vez que os trabalhadores têm posições políticas diferentes, as paixões eleitorais acabam fracionando ainda mais o corpo sindical. Um programa próprio, que não implicasse na utilização de candidaturas institucionais, mesmo sob a alegação tática, diminuiria significativamente a divisão e atribuiria aos programas de médio e logo prazo a importância que estes realmente possuem. Outro fato que pode ser verificado, cada vez com mais clareza, é que a associação dos sindicatos aos partidos trouxe, com a crise destes últimos, significativos desgastes para aqueles. Associa-se livremente, com o respaldo de inúmeros exemplos, os sindicatos aos fracassos da democracia representativa burguesa. Figuram as entidades de classe nos mesmos veículos de denúncia onde deveriam estar apenas os partidos." (SAMIS p.39,40)

partidário⁴³, para a construção de um sindicalismo que tenha como objetivo único a categoria docente e suas pautas; que seja classista por levantar apenas a bandeira da categoria, e autônomo, por responder apenas aos anseios e demandas da categoria, sem interferência de partidos ou ideologias, de forma plural, não burocrática e com democracia direta.

Penso que para essa saída precisamos de uma reorganização da categoria e a definição de uma pauta única radical, as quais descreverei resumidamente agora.

Reorganizando a categoria e a definição de uma pauta única radical

Hoje o sindicato é organizado de uma forma centralista, burocrática e altamente hierarquizada, que apresenta de forma demagógica um plano para a descentralização, através da eleição de delegados de base nos locais de

⁴³ Vamos desenhar com as palavras do Samis, pra ver se fica mais fácil entender e reconhecer quem é quem: “Os sindicatos que hoje representam mais claramente os interesses do governo/patrões são os colaboracionistas ou chapa-branca. Estes subordinam sua política a postulados puramente economicistas, encarando o governo como um interlocutor legítimo, uma instância imprescindível e fundamental na resolução dos problemas. Via de regra, tentam fazer entender à base que a função do órgão de classe é, na sua essência, pôr em entendimento os “interlocutores naturais” – governo/patrão e trabalhador – que, por uma falha na dinâmica do diálogo, estão em posição de oposição provisória. Existem também os sindicatos que, em determinada conjuntura, apresentam certo grau de combatividade, sem a pretensão de tornar determinante o diálogo com o governo. Tais entidades de classe entendem a posição que ocupam no cenário da luta de classes, buscam o enfrentamento, mas o fazem a partir de uma pauta quase exclusivamente econômica, aproveitando as crises e as agendas eleitorais para arrancar do governo as melhorias imediatas. Têm, mais por instinto que por ideologia, a disposição para a luta, fato que se observa em momentos de ascenso organizativo, mas que, em uma conjuntura desfavorável, pode se perder com impressionante velocidade. Seus métodos acabam por reforçar muito mais o campo do ativismo sindical – importante de fato, entretanto insuficiente – ao investirem exclusivamente na reação às medidas governamentais. Agem, dessa forma, estimulados pelas agendas eleitorais e políticas do Estado, ainda que em oposição a elas. Ancorados no que é apenas visível, ou seja, as necessidades imediatas, esquecem do que é desejável, a mudança radical em favor de todos e não apenas da categoria. Aos sindicatos que adotam esta conduta podemos chamar corporativos. A terceira conduta sindical pode ser identificada por sua ação em associação com seus postulados teóricos. Em comum com as demais, ela caracteriza-se também pela representação da classe. Preocupa-se com as necessidades imediatas da mesma e se legitima em determinados ritos e emblemas identitários do trabalho coletivo. Nas reivindicações econômicas, igualmente, enxergam um meio para mais didaticamente perceberem os da classe, por evidências numéricas, as suas reais condições de explorados. E, uma vez que não se limitam ao sintoma, denunciam o capitalismo e suas mais claras manifestações como o motivo de todo o estado de coisas. Nas questões de curto prazo, os sindicalismos colaboracionista, corporativista e mesmo o de resistência, às vezes se parecem muito. Entretanto, é nas questões de médio e longo prazo que se distanciam sobremaneira as condutas sindicais. Na realidade, tanto os colaboracionistas quanto os corporativistas, não possuem as dimensões de médio e longo prazo. Não as possuem, ao menos, no sentido autônomo do termo, pois, uma vez que se guiam pelo pragmatismo, dificilmente vão além do que se apresenta de imediato.” (SAMIS p. 15-21)

trabalho, supostamente com vistas a fortalecer a luta da categoria. Realidade é que utilizam, por assim dizer, os mesmos discursos, táticas e retóricas dos partidos políticos, ditos de esquerda⁴⁴, que historicamente vem reproduzindo e especializando a burocracia e as ditaduras. Negam-se a enxergar que esse modelo esta falido e a aceitar a crise da representatividade que estoura em todo território nacional, e até (ou principalmente) internacional. Usando a linguagem popular, se recusam terminantemente a 'largar o osso' sendo capazes das estratégias mais sórdidas para manterem o poder sobre a categoria e sobre o sindicato. Na verdade alguns desses partidos só sobrevivem à custa dos sindicatos que dirigem, e conseqüentemente, do dinheiro da classe trabalhadora. Para comprovar esta crise bastaria apenas observar os reduzidos números de filiados e de presentes nas assembleias, sem falar nas adesões a movimentos paredistas e nos resultados destes.

*Minha proposta é reorganizar **em redes**, partindo do individual para o coletivo, da periferia ao centro, de forma horizontal. Cada escola teria não um delegado de base, mas uma **célula sindical**, que diferente do delegado, seria composto por quantas pessoas se dispusessem a colaborar com a causa, e fizessem parte da comunidade escolar. O Ideal seria que toda a escola, ou seja, todas as pessoas que a compõe formassem a célula sindical. Esta célula, que inclusive pode ser uma única pessoa, teria como função a propaganda da OCA e suas propostas de reorganização e de pauta, além do relato das condições reais da escola e suas necessidades mais urgentes e principais, a fim de se produzir um levantamento estatístico de dados referentes à realidade escolar da região⁴⁵. O funcionamento e metodologia de trabalho de cada célula*

⁴⁴ “Outro problema, que deriva igualmente de fonte correlata, é a idéia de que ‘o sindicato é correia de transmissão do partido’. Este primeiro executa e o segundo pensa as políticas de médio e longo prazo. Tal lógica acaba por conferir status diferenciado a quem pensa e a quem trabalha, justificando, inclusive, o afastamento de trabalhadores por longo tempo da base em tarefas de direção que, no mais das vezes, tornam-se uma porta para a burocratização. Alguns, inclusive, vinculados a partidos político, como referido anteriormente, acabam por não ter clareza entre o papel de quadro partidário e de liderança sindical. Mas tal prática encontra, sim, suporte na teoria, uma vez que boa parte dos partidos de esquerda percebe no sindicato um meio para levar adiante o programa do partido, a dualidade pensamento-ação passa, dentro do âmbito da classe, a vivenciar seu correspondente prático.” (SAMIS p.37)

⁴⁵ (...) “o sindicalismo no período pré-revolucionário (...) deve conduzir ‘com êxito a tarefa de documentação, de educação técnica e profissional com vistas à reorganização social’ a fim de realizar ‘a aprendizagem de classe à gestão nas melhores condições’. Trata-se ainda de formar o conjunto da classe à gestão e à organização da sociedade futura.” (LENOIR p.47)

irá depender do contexto em que cada uma surja, apenas devendo responder aos princípios de horizontalidade, equidade e democracia direta, ou autogestão.

Organizada a célula sindical, ou mesmo concomitantemente a organização, parte-se para o contato com as escolas mais próximas geograficamente, para que se crie uma rede de informações e contatos entre as escolas de um determinado bairro, por exemplo. Duas ou mais escolas com células sindicais que se relacionam, formariam um nível superior de organização, não no sentido hierárquico, mas de complexidade. A sequência então se torna lógica, de bairro a região, até a totalidade de cobertura da rede. As funções de cada organismo destes seriam as mesmas da célula, o de propaganda⁴⁶ e levantamento das realidades, isso num primeiro momento, de acordo com o desenvolvimento autônomo de cada um deles. Apoiados, mas não dirigidos pelo coletivo da OCA, poderiam passar a outras atividades, como publicações, assembleias, reuniões, atos entre outras infinitas possibilidades que podem surgir. Prezando sempre pela autogestão de cada organismo, e pela associação através da solidariedade e do apoio mútuo não hierarquizado, torna-se evidente a necessidade de se difundir a pauta única radical, que viria a ser o objetivo comum de cada integrante de cada organismo.

*Diante do que expus até agora, e tendo em vista uma categoria organizada desta forma, com coesão, unidade e disposição para a luta, só me ocorre um único alvo, uma vez que nos é impossível no momento tentar derrubar o Estado, acabar com o capitalismo ou implantar algum ismo qualquer: **marchar contra a Secretaria!***

*Não se tratará de pedir, ou reivindicar a exoneração deste ou daquele secretário, mas sim de **EXIGIR** que se substitua o regime de secretariado por um de **Comitê**⁴⁷. Este comitê seria eleito através de uma consulta geral a toda*

⁴⁶ Pelloutier sendo enfático dispara: “O que lhe falta (ao operário), é a ciência de sua infelicidade; é conhecer as causas de sua servidão; é poder discernir contra o que devem ser dirigidos os seus golpes.” (LENOIR p.53)

⁴⁷ Nosso professor ao falar em Comitê certamente pensa em algo como os Conselhos descritos por Samis, que em muito se assemelha ao modelo Zapatista das Consultas: “Os conselhos de trabalhadores definem sua representação a partir da base. É na base, organizada em comissões, que os delegados classistas são eleitos. Mas a representação é diversa daquela preconizada pelo capitalismo. As diferenças são as seguintes:

1ª: Os delegados não decidem por si mesmos. São apenas a voz do seu conjunto, daqueles que os elegeram; 2ª: Os delegados eleitos executam as tarefas, não determinam as linhas de ação, a menos que sejam sugeridas pelo coletivo que o indicou; 3ª: Os delegados ficam no

a categoria, que a esta altura estaria organizada, havendo uma comunicação rápida e eficiente com cada local de trabalho, e seus membros deveriam ser obrigatoriamente da base da categoria. Esta deverá ser a causa que motivará essa Oposição: entregar os cuidados relativos à educação pública municipal, todos quantos existirem e forem necessários, nas mãos da própria categoria⁴⁸. Notem que não é um golpe, não queremos tomar o poder como pode parecer a olhos acostumados com essas táticas, queremos sim que a categoria se aproprie dele (ou o destrua!).

Acompanhem uma lógica retórica extremamente simples que defende, sustenta e legitima essa pauta. Quem nomeia o secretário? O prefeito. Quem escolhe o prefeito? O povo. Logo, numa democracia, num (bom) governo do povo, o governante deve responder aos anseios dos governados, pois ele foi eleito para representa-los e para trabalhar por eles. Pois bem, nós enquanto povo organizado numa categoria classista, diremos ao prefeito que agora queremos nós mesmos escolher quem será responsável pela educação, e não mais ele. Isso é perfeitamente constitucional(?) e moral. Se temos enquanto povo a capacidade de escolher quem vai nomear o secretário, porque não a teríamos para nomear nós mesmos? Mais ainda, quem é melhor conhecedor de nossas necessidades que aquelas que vivem e sofrem nessa realidade? Exposto o que seria a matriz de princípios e estratégias da Oposição Classista Autônoma, passemos agora para o processo de construção.

Construindo a OCA

Diante da materialidade dos fatos sob os quais estamos sujeitados nesse momento, acredito que o primeiro passo seria a criação de um manifesto dessa oposição, que sintetizasse seus princípios, métodos e pauta.

cargo até o término da tarefa, ou seja, o tempo suficiente para executá-la, pois do contrário poderia haver certa cristalização de funções; 4^a: Os delegados não podem se afastar por muito tempo de seu local de trabalho, junto à base, as suas atividades não lhes conferem nenhum privilégio.” (SAMIS p. 24,25)

⁴⁸ (...) “o projeto de sociedade que funda o sindicalismo das origens, sindicalista revolucionário depois anarco-sindicalista, não se concebe sem um esforço de educação autônoma e controlado pelos próprios trabalhadores.” (LENOIR p.54)

Propaganda⁴⁹ e trabalho de base, de formiguinha mesmo. Colar um cartaz no local de trabalho, criar uma página e um perfil nas redes sociais, conversar com pessoas com as quais acreditamos poder contar, e ir disseminando a ideia. Cada um deve trabalhar conforme suas aptidões e possibilidades; se pretendemos uma organização que seja autônoma, autogerida, e com democracia direta, devemos abandonar a burocracia, a hierarquia e o autoritarismo.

Com um grupo minimamente organizado, ou mesmo durante essa organização do grupo, passaríamos as intervenções, como a realização de reuniões nos locais de trabalho, formações, produção de materiais, e o que for possível e necessário. De acordo com o desenvolvimento, no sentido de número de membros, nível organizacional e alcance, iremos planejando e executando nossas ações.

Bom, camaradas, este é o resumo de minhas ideias e propostas, se estiverem dispostos a construir essa oposição, não temos mais porque esperar. Vamos à luta, pois tudo que fizermos será uma vitória, independente dos resultados, a única derrota⁵⁰ que podemos amargar é a de continuar na situação degradante em que estamos sem fazer nada para tentar mudar. E só a luta muda.

Faço apenas algumas ressalvas, em virtude de ter omitido as notas dessa carta, que dizem respeito aos conceitos de *bandeiras de luta* e *categoria docente*. Notamos algo que poderia ser acusado como reformista⁵¹ ou legalista, principalmente em relação à lógica que usa para legitimar a substituição do regime de secretariado pelo Comitê, parecendo haver ali uma tendência a se agir em acordo com o governo do prefeito, o que seria contrário ao pensamento

⁴⁹ (...) “o projeto sindicalista revolucionário é largamente um projeto que repousa na educação. E que, para alcançar seu fim, os sindicalistas propõem-se a servir-se, sem nada rejeitar, de todos os registros educativos para lograr êxito: a propaganda, a formação geral e profissional, a cultura e a ação. E que, para eles, trata-se de educar para emancipar.” (LENOIR p.52)

⁵⁰ Palavras do sindicalista Sorel: “Se fracassamos, é a prova de que a aprendizagem foi insuficiente; é necessário retornar ao trabalho com mais coragem, insistência e confiança que outrora; a prática do trabalho ensinou aos operários que é pela via da paciente aprendizagem que se pode tornar-se um autêntico companheiro; é também a única maneira de tornar-se um verdadeiro revolucionário.” (LENOIR p.71)

⁵¹ Já nos dizia Ferrer no século passado: “Os anarquistas não são reformistas, eles não querem democratizar o ensino, mas transformá-lo radicalmente e lançar as bases de uma educação popular.” (LIPIANSKY p.64)

e práxis anarquista, ou sindicalista revolucionária. Em sua defesa trago a tona o fato de que tal carta fora enviada para companheiros que não eram anarquistas e nem mesmo libertários, portanto ele expõe as ideias num tom mais "legalista" para evitar "assustar" os camaradas com expressões mais fortes, contundentes ou incompreensíveis. Enquanto categoria docente, ele engloba toda a comunidade escolar, dando destaque para professores e professoras apenas por estes, nos modelos atuais das escolas, estarem mais próximos do alunado, sendo dessa forma peças chaves na organização dos estudantes, principalmente pela adoção da dimensão pedagógica da atuação.

Não encarando a luta no campo sindical como um fim, mas um meio, e objetivando levar o projeto de instrução integral e de revolução social para além dos muros da escola e das pautas do sindicato, nosso professor apresenta a Dimensão Militante da atuação, ou seja, a militância organizada em todos os espaços sociais que forem possíveis. Atuar junto ao povo, a revelia do estado e das instituições oficiais, esse é o escopo desta dimensão.

Dimensão Militante

"Como anarquista convicto⁵², concordo com a premissa de que é necessária organização para lutar contra o sistema e promover a Revolução Social. A associação com anarquistas em um grupo de estudos vem me servindo como fonte de aprofundamentos tanto teóricos, através do estudo e discussão de textos, como práticos, pela própria organização do grupo que se dá de forma autônoma, não hierárquica e não burocratizada. Enfatizo ainda o caráter afetivo ou emocional que a dimensão da militância proporciona, ao se ver inserido num grupo que partilha dos mesmos ideais que você, sua disposição, força de vontade e coragem de ousar aumentam, a medida que são alimentadas pelo coletivo." Assim nosso Indocente anarquista apresenta a Dimensão Militante.

A atuação individual é importante, necessária até, mas é de alcance e resultados reduzidos. "Nunca se vence uma guerra lutando sozinho" alguém

⁵² Que tal refletir sobre as bela citação de Reclus? "O anarquista consciente jamais desespera... e se não pode agir sobre o conjunto do mundo senão de maneira infinitesimal, pode agir ao menos sobre si mesmo, trabalhar para liberar-se pessoalmente de todas as ideias prontas ou impostas, e reagrupar em torno de si amigos que vivem e agem da mesma maneira. Assim, pouco a pouco, graças a essas pequenas sociedades solidárias e alertas, constituir-se-á progressivamente a grande sociedade fraternal." (ANTONY p.51)

cantou um dia. Dessa forma faz-se necessário que anarquistas cada vez mais se unam para fortalecer as lutas, para aumentar a propaganda e para planejar e executar projetos de cunho libertário.

O agrupamento proporciona também a presença do pensamento e da visão anarquistas em espaços diversos, visto que cada membro está inserido em contextos sociais distintos. O grupo no qual milita nosso professor apresenta-se da seguinte forma:

"A proposta inicial do grupo é estudar as teorias anarquistas e seu desenvolvimento ao longo da história; ao passo que buscar paralelos com a realidade atual, compreendendo os limites e possibilidades das teorias libertárias. Na prática política e social, contribuir coletivamente na luta por um mundo sem opressores nem oprimidos, atuando diretamente em organizações estudantis, sindicais e populares, incentivando sempre uma luta autônoma⁵³, classista e de ação direta⁵⁴."

Para a materialização dessas propostas o coletivo vem apostando na produção, tradução e divulgação de textos de cunho anarquista e libertário; na realização de eventos diversos com essa temática, congressos, simpósios, rodas de diálogos; participação em manifestações e atos; desenvolvimentos de projetos como bibliotecas libertárias físicas e virtuais, locais e itinerantes, entre outros.⁵⁵

⁵³ "A questão da autonomia, portanto, é fundamental para manter um órgão de classe fiel aos postulados emancipatórios sem afastar deste, por uma conveniência político-partidária, alheia quase sempre às necessidades dos trabalhadores, os objetivos de médio e longo prazo resultantes da experiência da classe." (SAMIS p.43)

⁵⁴ (...) "a ação direta pode ser entendida como um método ou uma estratégia do movimento libertário para produzir mudanças, sob forma de reação ou sob forma de resistência a situações indesejáveis no conflito entre capital e trabalho. Outro princípio extremamente ligado à ação direta é posicionar-se se contra a participação parlamentar e o colaboracionismo de classe, opondo-se, portanto, aos processos eleitorais. No Brasil, por sua vez, a questão de organização e da ação direta sempre estiveram presentes nas lutas em que se envolveram anarquistas. Preconizava-se que o sindicato tivesse como objetivo a educação e a organização dos trabalhadores, e para isto, oferecessem elementos para participação ativa nas decisões da categoria." (MORAES p.02)

⁵⁵ "O movimento anarquista esteve e fez-se presente na organização dos trabalhadores atuando em sindicatos, federações e uniões classistas, especialmente com a fundação da Confederação Operária Brasileira (COB) em 1906. Além disto, também foram importantes as atividades culturais - teatro social e confraternizações movidas a música e conferências – e as atividades educacionais propriamente ditas – periódicos, bibliotecas, ateneus, centros de cultura, grupos de estudos e escolas. Pelo grande número de publicações: jornais, folhetos, panfletos, livros, percebemos como estas atividades tiveram importante papel na organização dos trabalhadores e na divulgação das teorias e ações anarquistas." (MORAES p.01)

Outra contribuição significativa da associação em grupo é a diversificação e conseqüente maior abrangência das discussões, englobando diversas temáticas pertinentes a determinadas vertentes anarquistas, como o anarquismo verde (veganismo, vegetarianismo, liberação animal), indústria cultural, manipulação midiática, antiproibicionismo, anarco-queer, amor livre, anarcofeminismo e mais. Essa é uma mostra da preocupação do grupo, que reflete nos posicionamentos de nosso professor, sobre a necessidade de uma visão holística da sociedade, por entenderem que a revolução radical precisará ocorrer em todos os campos, sociais, econômico, políticos, educativos, sexuais, etc. Aqui faço um destaque a vertente anarcafeminista presente no grupo, que vem contribuindo sobremaneira para a desconstrução do machismo e patriarcado tão arraigados, difundidos e perpetuados na sociedade na qual estão inseridos.

Creio ser pertinente aqui ressaltar que o grupo, através de suas práticas e propósitos, apresenta coerência com a Instrução Integral tão defendida e utilizada pelo movimento anarquista, mas não somente por este, nos últimos séculos. Primeiramente na questão da formação intelectual, a leitura dos textos e participação nos espaços de discussão proporciona um maior acúmulo de conhecimentos que na maioria dos casos, não estão disponibilizados nos meios educativos “tradicionais”. Além disso, poderia citar também os conteúdos “atitudinais” desenvolvidos nessa prática de estudo, como a autodisciplina na aplicação, a desenvoltura e desinibição na ora de expor oralmente as ideias, a sistematização por escrito, quer seja de maneira informal ou nos moldes científicos (acadêmicos). Na parte da formação física, que seria a aplicação prática dos conceitos teóricos, observo a própria organização e gestão do grupo. Produção de ofícios, diálogos com setores burocráticos da sociedade, organização de eventos, participação em atos, utilização de mídias, vivências, coleta e gerenciamento de recursos, e tantas outras, são atividades práticas desenvolvidas por todas as pessoas que formam o grupo, e é em cada uma dessas atividades que vão praticando os acúmulos teóricos. Por fim, a formação moral se apresenta nas próprias relações pessoais, constantemente observadas, ressaltadas, discutidas e criticadas (muitas vezes combatidas) com vistas a que se tornem cada vez mais livres de opressões, de qualquer tipo. O coletivo não elege prioridades de opressão, todas devem ser

combatidas igualmente e com o mesmo empenho, por isso, é comum em seu interior a autocrítica, sempre que alguma situação ou contexto aponte para desvios nas questões raciais, de gênero, sexualidade, etc.

Nos propósitos, temos a Instrução Integral pretendendo formar a “nova criatura humana”, livre, orgulhosa, solidaria, cooperativa e extremamente rebelde contra qualquer forma de dominação e exploração, dando-lhe as ferramentas e condições para que desenvolva ela mesma todas essas características. Não se trata de formar anarquistas, sindicalistas, operários ou qualquer outro rótulo que se queira utilizar, mas de permitir que as pessoas se autoformem como melhor lhes convir. Da mesma forma, o grupo de estudos no qual nosso professor milita não tem a pretensão de formar anarquistas, como a Oposição Classista que ele defende não almeja ser uma oposição anarquista, mas de favorecer a auto formação de pessoas que, entendendo, compreendendo e aceitando os pressupostos básicos do Anarquismo e de suas formas de ação, possam vir a se tornar ativas nos movimentos e contextos sociais aos quais estejam inseridas ou venhas a se inserir. Vejo assim o grupo de estudos como uma escola livre.

Essas trocas de informações, experiências e sentimentos, associadas à adoção de práticas de organização e convivência pautadas sempre na horizontalidade, na liberdade individual e coletiva, no respeito e apoio mútuo, na solidariedade e acima de tudo no amor, vem proporcionando o autodesenvolvimento deste **indocente anarquista subversivo**, bem como de cada integrante do grupo, que por sua vez também vai se desenvolvendo autonomamente.

Sendo assim...

Procurei aqui apresentar de forma superficial e introdutória como esta se desenvolvendo a práxis anarquista de nosso Indocente Subversivo, segundo o que ele define como Dimensões da Atuação Indocente, as quais se situam em três espaços distintos, porém interligados: a sala de aula (Pedagógica), o sindicato (Classista) e o coletivo (Militante).

No campo da dimensão pedagógica que concerne à organização do movimento estudantil, alguns resultados começam a despontar, como o surgimento do *Partido Estudantil Revolucionário*, associado a uma retomada do grêmio para o caráter combativo. Experiência que tratarei de expor tão logo tenha mais dados, uma vez que o processo esta em pleno desenvolvimento. As dimensões Classista e Militante foram aqui abordadas de forma reduzida para não tornar o texto ainda mais longo, e por me faltarem informações mais sistematizadas, mas a pesquisa continua.

Não apresentei também, as diversas dificuldades práticas enfrentadas por nosso professor nessa caminhada, nem tampouco os desgastes físicos, morais e financeiros decorrentes da empreitada, por acreditar que mereçam um tratamento mais aprimorado, crítico e justo, mas pretendo fazê-lo em breve.

Acredito que material não faltará para contos futuros, pois apesar dos apesares e do bolso quase sempre vazio, nosso Indocente Anarquista da mostras de que não pretende parar de subverter os espaços tão cedo.

Algumas Referências

ANTONY, Michel. Os microcosmos. Experiências utópicas libertárias sobretudo pedagógicas: "utopedagogias". Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão e Arte Editora: Editora Imaginário, 2011.

CHAMBAT, Grégory. "Instruir para revoltar" Fernand Pelloutier e a Educação Rumo a uma Pedagogia de Ação Direta. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2006.

CODELLO, Francesco. "A boa educação": experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil: volume 1. Tradução: Sile Cardoso. São Paulo: Imaginário: Ícone, 2007.

DIÁLOGOS em Pedagogia Libertária: Memórias da 1ª Jornada de Pedagogia Libertária. Recife: Difusão Libertária, 2013.

KASSICK, Clovis N. A Ex-cola Libertária. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2004.

LENOIR, Hugues. Educar para emancipar. Organização e tradução Plínio Augusto Coêlho. - São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LIPIANSKY, Edmond Marc. A pedagogia libertária. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

MORAES, José Damiro. Educação anarquista no Brasil da Primeira República. Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Jose_Damiro_de_Moraes_artigo.pdf> acessado dia 06/04/2015.

PRICE, Wayne. Firmeza nos princípios, flexibilidade nas táticas. A resposta dos anarquistas quando governos eleitos são derrubados. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/209536/Firmeza%20nos%20princ%C3%ADpios%20C%20flexibilidade%20nas%20t%C3%A1ticas.pdf>> acessado dia 10/06/2015

REVISTA Educação Libertária: Educação e Revolução na Espanha Libertária. Nº 1. São Paulo: Ed. Imaginário: Instituto de Estudos Libertários, 2006.

SAMIS, Alexandre. Sindicalismo e Movimentos Sociais. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2008.

WOODCOCK, George. História das ideias e movimentos anarquistas-v.1: A ideia. Tradução: Júlia Tettamanzy. – Porto Alegre: L&PM, 2007.

CONTOS PROFESSORES II

(In)docência subversiva e suas dimensões de atuação

Contos Professores II apresenta-se ao leitor esclarecendo o sentido da utopia anarquista: sonhar as ações para realizar os sonhos, o que requer a ruptura radical com a existência alienada.

É preciso espantar-se com as naturalizações do cotidiano, com os lugares de gênero, étnicos, classistas, de orientação sexual que nos rotulam e nos reduzem a uma gama limitada de possibilidades de ser e estar no mundo.

A proposta do nosso Indocente Subversivo é contrapor à docilização nossa atuação nas dimensões Pedagógica, Classista e Militante, ou seja, espantar-se enquanto alguém que ensina/aprende, alguém que pertence a uma classe social e alguém que se organiza para lutar.

Espantar-nos, ao mesmo tempo com a simplicidade e com a amplitude do programa de subversões radicais que nosso indocente anarquista nos propõe, é abrir-se a descobrir a não-inevitabilidade do nosso sofrimento, do nosso isolamento e da nossa solidão; é ousar construir a felicidade, a solidariedade e a organização coletiva lá onde nos disseram que deveríamos formar, como máquinas, máquinas de produzir.

GEAPI – Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
anarquistas-pi.blogspot.com.br

<https://www.facebook.com/anarquismo.pi>

